

Renata Da Silva Andrade

Doutoranda

Université de Lille (France) / Universidade de Brasília (Brasil)

O mito canibal na obra da Rebecca Chaillon : um monstro decolonial

Na performance de 2012 “*Cannibale, laisse-moi t’aimer*”¹, a artista contemporânea francesa, Rébecca Chaillon, incarna uma canibal para desconstruir esses mitos. No palco, a artista negra, vestida com uma saia, seios descobertos, come pedaços de carne crua colocados no corpo branco da Elisa Monteil. Sua cabeça mergulha nas entranhas da atriz para rasgar a carne com os dentes, em uma pantomima de clichês canibais veiculados pela cultura ocidental.

Ao encarnar o canibal dessa forma, a jovem artista, que tem suas origens nas Antilhas francesas, mas é nascida e educada na França, questiona a persistência dos mitos canibais na imaginação coletiva do ex-país colonizador, colocando em evidência os discursos preconceituosos que são produzidos sobre seu próprio corpo. Essa apropriação, a relação entre o canibal e o corpo da artista, leva a um distanciamento crítico do espectador, criando assim um ato de resistência poética. Anne Creissels, pesquisadora da Universidade de Lille, identifica esse poder de resistência da encarnação dos mitos gregos em seu livro “*Prêter son corps au mythe : le féminin et l’art contemporain*”² em 2009.

Esse processo se assemelha ao discurso e método metafórico dos modernistas brasileiros com o manifesto antropofago. Nós podemos achar outros processos artísticos parecidos na história ou na arte contemporânea, como Joséphine Baker, dançarina da *Revue nègre* dos anos 1930 na França, as obras da artista afro-americana Kara Walker ou da brasileira Adriana Varejão, que trazem os mitos do canibal selvagem em algumas de suas obras. Todas essas mulheres jogam com as representações pejorativas e semeiam uma decolonização do olhar.

Palavras-chave : canibalismo ; mito ; emancipação ; decolonial ; feminismo.

¹Trad. “Canibal, deixe-me te amar”

²Trad. “Emprestar o corpo ao mito : o feminino e a arte contemporânea”

Renata Da Silva Andrade

The cannibal myth in the work of Rebecca Chaillon: a decolonial monster

In the 2012 performance “Cannibale, laisse-moi t’aimer”, the French contemporary artist, Rébecca Chaillon, embodies a cannibal to deconstruct these myths. On stage, the black artist, dressed in a skirt, bare breasts, eats pieces of raw meat placed on Elisa Monteil's white body. Her head dives into the bowels of the actress to tear the flesh out with her teeth, in a pantomime of cannibal clichés carried by Western culture.

In being the embodiment of the cannibal, the young artist, who has her origins in the French Antilles, but was born and educated in France, questions the persistence of cannibal myths in the collective imagination of the former colonizing country, highlighting the discourses that are produced on her own body. This appropriation, the relationship between the cannibal and the artist's body, leads to a critical distance from the viewer, thus creating an act of poetic resistance. Anne Creissels, a researcher at the University of Lille, identifies this resilient power of the incarnation of greek myth in her book “Prêter son corps au mythe: le féminin et l'art contemporain” in 2009.

This process is similar to the discourse and metaphorical method of Brazilian modernists with the anthropophagic manifest. We can find other artistic processes similar in history or contemporary art, such as Joséphine Baker, dancer of the *Revue nègre* in the 1930s in France, the works of the African-American artist Kara Walker or the Brazilian artist Adriana Varejão, which bring the myths of the wild cannibal in some of their works. All these women play with the pejorative representations and work on a decolonization of the look.